

“CABOCLA”, 80 ANOS DE UM CLÁSSICO

Rui Ribeiro

Em setembro de 1931 a Companhia Editora Nacional entregava ao público leitor os três mil exemplares que compunham a tiragem do romance “Cabocla”, de Ribeiro Couto. Do exílio voluntário que se impusera ao escolher a carreira diplomática, seu autor, então servindo em Marselha, acompanharia surpreso a notícia da grande aceitação do lançamento, que esgotaria rapidamente nas livrarias.

O livro se firmaria como um dos clássicos da literatura brasileira, merecendo sucessivas edições – inclusive uma impressa em Portugal – alcançando popularidade definitiva ao ser duas vezes transportada para o vídeo em novelas que obtiveram larga receptividade do telespectador. A razão do sucesso da obra não se deve, entretanto, à novidade do tema. Pelo contrário, ela repete cenários e enredos rurais bastante explorados nos séculos passados e presentes em numerosas páginas de escritores consagrados, que cedo descobriram o rico filão tão grato ao gosto do povo, mesmo aquele que vive em modernos e conturbados centros urbanos.

A diferença fundamental entre “Cabocla” e outros romances do gênero, como “A escrava Isaura” (1875), de Bernardo Guimarães e “Inocência” (1872), de Visconde de Taunay – para se citar dois dos mais conhecidos – está na sua concepção sincera, despojada de artificialismos. Uma fatura de marcante simplicidade, autêntica, sem as fastidiosas descrições de paisagens e com diálogos fiéis ao meio e às características dos personagens, reproduzindo, por vezes, a saborosa linguagem da gente do campo.

O curso da narrativa é igualmente singelo e natural. Sem grandes lances ou tramas complicados, descreve a estória de Jerônimo, estudante rico e frívolo, forçado por uma lesão no pulmão a se refugiar,

em busca de cura, na longínqua e obscura Vila da Mata. Ali encontraria, de maneira inesperada, o amor de Zuca – a “Cabocla” – filha do proprietário do hotel da estação ferroviária da vizinha localidade de Pau D’Alho. Esse idílio faria com que se identificasse por completo com o novo ambiente e transformasse seus planos de vida. Trocava afinal a futura profissão de engenheiro pela de agricultor, estabelecendo-se definitivamente na Serra de Caparaó, onde implantaria fazenda pioneira no cultivo de frutas europeias.

O pano de fundo de “Cabocla” retrata com fidelidade a vida simples do interior, desvendando os mistérios da “cidadezinha quieta, a vilazinha de aparência morta”, mas que encerra “um mundo de agitações, ciúmes, ambições, heroísmos, conformações”, embora seus habitantes aparentem “brincar de tomar conta da natureza”.

Aqueles que conheciam Ribeiro Couto de perto surpreenderam-se com o tema do livro. Jamais imaginariam que um escritor tão citadino como ele fosse tomado de súbito enternecimento pelas coisas sertanejas. Realmente esse paulista de Santos, que ainda moço se transferiu para o Rio de Janeiro, de tal forma integrou-se aos hábitos da metrópole, que Luiz Martins chegou a batizá-lo de “carioca por empréstimo. A maioria dos contos que integram seus primeiros livros “O crime do estudante Batista” (1922), “A casa do gato cinzento” (1922) e “Baianinha e outras mulheres” (1927) versam sobre motivos urbanos, como urbanas também são as poesias que compõem “Poemetos de ternura e melancolia” (1924) e “Um homem na multidão” (1926). Frequentou por muito tempo o bairro boêmio da Lapa, cujas ruas e cabarés conhecia palmo a palmo e que lhe inspiraram os tipos encontrados na “Cidade do vício e da graça” (1924), onde cele-

bra os encantos e as mazelas da grande urbe.

Houve porém um período da vida de Ribeiro Couto que o colocou em contato direto com os costumes e paisagens campestres. Isso aconteceu entre os anos de 1922 a 1928, em função do exercício das funções de promotor público e delegado no interior de São Paulo e Minas Gerais. Da estada em Pouso Alto, Itanhandu e São Bento do Sapucaí e das viagens por regiões da Mantiqueira experimentou estados d’alma que exerceram papel importante na sua produção de ficcionista. Nasceram dessa experiência os contos de “Largo da matriz e outras histórias” (1940, as crônicas de “Barro do município” (1956) e os versos de “Província” (1933), além de outros que aparecem mesclados com temas de inspiração estrangeiras, produtos de novas sensações vividas pelo escritor no nobre desterro da diplomacia, como é o caso de “Chão de França” (1935).

Ainda que as cenas de “Cabocla” se passem em vilarejo imaginário do Espírito Santo, mesmo que declaradamente se trate de mera invenção, o romance brotou do solo mineiro e paulista por onde andou seu autor. Só mesmo poderia ministrar essa verdadeira lição de brasilidade quem experimentou as emoções das viagens em lombo de cavalo por caminhos poeirentos, banhados de luar, quem participou das conversas ao pé do fogo nos pousos das estradas, enquanto a viola ponteia uma toada sertaneja.

De tal forma estão presentes as facetas da personalidade de Ribeiro Couto em “Cabocla”, que Manuel Bandeira, seu amigo íntimo, chegou a admitir certa identificação do personagem Jerônimo com o autor, tantos foram os pontos comuns e as situações semelhantes encontradas. Pareceu-lhe apenas que, para despistar, descrevera a heroína como morena e de estatura mediana, o que não correspondia ao seu gosto pessoal, pois sabidamente preferia as mulheres esguias e de pele branca. A indiscrição do companheiro recebeu



Ribeiro Couto

pronta e veemente reação de Ribeiro Couto e ressalvas acautelatórias à nota para segunda edição do livro, onde chama a atenção para “os perigos de escrever histórias”. Entrementes, em extenso artigo publicado na revista “Bazar”, Bandeira reparou a posição, afirmando: “A minha desculpa é que os romancistas da sua tempera tratam a ficção com tal força de realidade, impõem-nos uma tal atmosfera de coisa vivida, que acabamos por lhes atribuir os sentimentos de suas personagens”.

O conceito crítico abalizado aponta o lugar destacado de Ribeiro Couto em nossas letras, ainda que outros lhe atribuam representação secundária. Desde a estréia, em 1921, com o livro de poesias “O jardim das confidências”, até as produções finais, seu estilo manteve-se uniforme e equilibrado, incorporando a linha direta e objetiva do movimento modernista, sem abandonar as meias-tintas e a musicalidade características da escola simbolista. Mas a maior contribuição que trouxe foram os retalhos do cotidiano humilde com que compôs o painel multicolor onde o criador se justapõem à criatura em sua “ternura e melancolia” recíprocas.

Rui Ribeiro é escritor, crítico literário e membro da União Brasileira de Escritores.

Recomeço ou Fim?

Rosani Abou Adal

Ao ler “O futuro uiva como um lobo”, de Rodolfo Konder, a inspiração brotou para tecer algumas palavras deste editorial.

Konder tem razão quando afirma que “O século 21, portanto, pode ser o fim – ou o recomeço”. As mudanças que vêm ocorrendo em nossa sociedade ainda não são suficientes, porque os homens não conseguem acompanhá-las na sua evolução ou “involução” como ser humano.

O poder e a ganância são a fonte que abastece os homens e as grandes potências. O poder está sempre no recomeço e no fim. É esse poder que contribui para a devastação do homem e do planeta.

Em nosso dia-a-dia vivemos e vivenciamos os males que o poder e a ganância causam, quer seja no trabalho ou em qualquer situação do nosso cotidiano. O assédio moral, o terrorismo, a escravidão, etc. estão sempre presentes no trabalho, nas casas, nas ruas...

A falta de respeito ao próximo, aos animais e a si mesmo fazem com que o homem esteja sempre na era das cavernas. “Amar ao próximo como a si mesmo” é um ensinamento que precisa ser revisto e refletido. Somente o amor, a paz e o respeito ao próximo podem fazer com que o homem saia da era primitiva. O século XXI será o recomeço e não o fim.

O futuro uiva como um lobo

Rodolfo Konder

O SÉCULO 21 despertou enfurecido no dia 11 de setembro de 2001. Herdou certamente o temperamento sanguíneo de seu antecessor, o século 20, o mais violento na história da humanidade. Levantou-se da cama com os lençóis empapados de sangue. Mas, talvez, a ferocidade dos ataques terroristas em Nova York e Washington tenha despertado nele a consciência de que, para sobreviver, terá que manter o equilíbrio e enfrentar sérios desafios. Vencê-los ou perecer, eis a questão.

A segunda metade do século passado registrou mudanças aceleradas e profundas nas sociedades e nas relações entre as pessoas. A libertação (ainda parcial) da mulher mudou hábitos e posturas, exigiu inteligência e sensibilidade. A defesa do meio ambiente tomou-se questão de sobrevivência. As novas expectativas de vida exigem informação e planejamento. A urbanização vertiginosa criou tensão e violência. As desigualdades, dentro dos países e no plano mundial, cresceram e nos ameaçam. A tecnologia decolou. As telecomunicações transformaram os cinco continentes numa aldeia global, como previa o canadense Marshall MacLuhan. Os direitos humanos se universalizaram. O acesso ao ensino se democratizou. A economia superou fronteiras.

Hoje, num cenário de devastação ideológica, vivemos um processo chamado globalização, que significa, na verdade, uma fase de reconstrução do mundo. O desmantelamento político causado pelo fim da Guerra Fria nos obriga a escrever um novo capítulo em nossa história. O capítulo da reinvenção, que envolve o abandono de velhos conceitos.

Aqui, na América Latina, surgem valores compartilhados e obstáculos igualmente comuns. Nações que sulcaram juntas as águas turvas do autoritarismo, das ditaduras militares, aportam agora nas mesmas praias da democracia. Pluripartidarismo, eleições regulares, alternância no poder – o Estado de Direito vale para quase todas.

Elas chegaram ao século 21 trazendo em seus porões cargas semelhantes. Do México à Patagônia, os conquistadores europeus esmagaram os povos nativos e suas cosmogonias, acumularam escravos e espelhos; depois, perderam-se em labirintos de igual destino totalitário e agora redescobrem juntos a liberdade e a diversidade.



Buscam aqui, no continente americano, o que os europeus ainda procuram na Europa: um multiculturalismo solidário. Pregam uma “globalização solidária”.

Somente com a ajuda recíproca e organizada entre os diferentes países dos cinco continentes, com o apoio mútuo entre as diversas culturas, com a cooperação entre as inúmeras etnias, com a fraternidade entre as nações que integram os novos blocos e fazem parte da ONU – somente assim – os seres humanos estarão aptos a participar de um processo global de desenvolvimento e a enfrentar, com chances razoáveis de vitória, os riscos do tribalismo, do terrorismo, da droga, do desemprego, das desigualdades crescentes, do fanatismo religioso, da destruição do meio ambiente. Caso contrário, continuaremos a caminhar para o abismo.

O século 21, portanto, pode ser o fim – ou o recomeço. Se despertou enfurecido, no dia 11 de setembro, poderá passar à história como o reencontro da democracia e da paz, a redescoberta da liberdade e dos direitos humanos. Será um novo Holocausto ou a hora das redefinições, o momento sagrado em que os seres humanos vão se reintegrar à natureza, para finalmente sobreviverem com dignidade e sabedoria.

Neste momento, a ira ainda alimenta quase todas as vinhas. A razão bateu em retirada. É tempo de falcões. O futuro uiva como um lobo em nossos quintais já enfeitados para o Natal.

Rodolfo Konder é escritor, jornalista, diretor da Associação Brasileira de Imprensa em São Paulo e membro do Conselho Municipal de Educação.



Cupom de Assinatura

Assinatura Anual: R\$ 60,00

Assinatura Semestral: R\$ 30,00

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____

Estado: _____ Tel.: _____

E-mail: _____

Depósito: Banco Itaú - Rosani Abou Adal ME - agência: 0211- conta: 67518-6 - CNPJ: 61.831.012/0001-52

Envie cheque nominal ou vale postal à Rua Herval, 902
São Paulo - SP - 03062-000 - Telefax: (11) 2693-0392
E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - Site: www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928-2004) e Rosani Abou Adal (MTB: 18194)

Rua Herval, 902 – São Paulo – SP – 03062-000

E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

Publicidade: Rosani Abou Adal – Telefax: (11) 2693-0392

CGC: 61.831.012/0001-52 – CCM: 96954744 – I.E.: 113.273.517.110

Distribuição: Encarte no jornal *A Tribuna Piracicabana*, distribuído em livrarias, faculdades, professores, escolas, escritores, entidades, assinantes, espaços culturais e bibliotecas.

Impresso nas oficinas de *A Tribuna Piracicabana*
R Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760

Ilustrações, selos e logo de Xavier - www.xavi.com.br

Os artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores.

O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

Soneto antigo de Anderson Braga Horta - 2009

Magaly T. Gonçalves
Zina C. Bellodi

Toda obra literária declara sua natureza específica por uma série de características. Isto fica mais claro quando analisamos obras do mesmo gênero. Este é o caso do livro em questão, o qual, sendo uma afirmação nova no plano poético, guarda uma relação às vezes mais do que notável com obras do mesmo gênero e de outras épocas.

O soneto dos tempos modernos, como toda obra atual, inclui-se, mais ou menos intensamente, numa determinada tradição. Esta é uma coletânea de sonetos dos tempos atuais e que, necessariamente, inclui-se em outros sonetos, desde a Antiguidade até agora. Há sonetos que aparentemente não lembram o tradicional, guardando dele apenas um esquema geral (número de versos, distribuição por quatro estrofes, e outros traços). Na verdade, entretanto, sempre há traços suficientes para que possamos classificar um soneto como soneto. Outros há que parecem desviar-se do que conhecemos como soneto. Nada disso anula o fato de que todos os sonetos estão incluídos num determinado quadro. Há também aqueles que tanto buscam a originalidade que nos fazem quase esquecer sua natureza de soneto. Nestas situações variadas podem surgir obras primas e obras sem qualidade. Não é o fato de um soneto ser extremamente diverso da imagem que temos do gênero que lhe confere estatuto de grande obra. Também não será grande obra se apenas repetir elementos de sonetos mais antigos.

A obra de Anderson Braga Horta tem a qualidade inconfundível do grande soneto, e um grande soneto que se parece enquadrar na tradição do gênero. Antonio Olinto acen-

tua a ligação deste soneto com os camonianos, sem esquecer que muitas características mudaram ao longo do tempo. A produção de Anderson Braga Horta é notável pois, em sendo de uma atualidade inegável, várias vezes nos leva ao soneto de épocas anteriores, particularmente de Petrarca e Camões. A aura misteriosa que envolve os poemas de Anderson Braga Horta resulta desta dupla característica: o poema está claramente inserido numa tradição (tanto no plano formal como no do conteúdo). Aquilo a que denominamos originalidade de um texto resulta de um jogo que envolve todos os elementos e será original na medida em que, enquadrando-se numa tradição específica, é, entretanto, uma afirmação nova, uma obra essencialmente original. Como exemplo do mágico processo de composição de Anderson Braga Horta bastaria termos "Um puro amor", p.16. Já o primeiro verso ("Busque eu num puro amor força e sustento") faz lembrar Camões. O quinto verso ("Mas viva eu antes de uma esp'rança ardida,"), também consegue o mesmo efeito, mas a medida que vamos lendo descobrimos um poema novo cuja identidade não fica sequer ameaçada por esses dois versos e pelo uso de "Senhora" ("Enfim, Senhora, aos vossos pés curvado,") como designativo da mulher amada.

Escolhemos alguns textos do volume *Soneto antigo* para mostrar como cada texto sugeriu esta relação do tradicional com o estritamente original para criar a obra nova. É na análise de alguns textos que deixaremos talvez mais claro o processo criador de Anderson Braga Horta. Talvez o grande lance que fez desta obra algo tão valioso seja exatamente uma voz moderna, expressando situações modernas, dentro de uma tradição que remonta a Petrarca.

Por esse fenômeno que mais claramente percebemos o quanto a literatura engloba uma realidade, uma produção artística, que varia ao longo do tempo em um ou outro aspecto, mas que, às vezes, conserva (sem perder sua identidade) o "aroma" de obras distantes ou próximas. O processo é tal que uma primeira leitura sugere o modelo antigo, mas que acaba por se afirmar como obra nova.

Em seguida faremos comentários de alguns sonetos apresentados neste volume.

"A moda antiga" p.22 - O ponto de partida no poema é um beijo "à moda antiga". Correspondendo ao beijo ela "enrubesceria", de acordo com os parâmetros antigos. E o dia demoraria a passar enquanto a noite de amores seria sempre curta demais. O amor se preserva, mesmo depois da morte, pois não se lhe imagina o ponto final. A morte, neste caso, perde seu caráter assustador e se sugere como a possibilidade de o amor sobreviver.

"Um olhar" p.27 - a situação é do amante que permanentemente espera sinais de um antigo amor. Ele procura saber a voz da esperança, as lágrimas que formam "ocultos arquipélagos" no "dorso... dos mares". Tudo isso foi embora, mas não é justo porque a ele pertencem. As aves nem mesmo olham para ele, mas penetram um outro olhar, o celeste onde desapareceram.

"Meu desejo" p.28 - todo desejo do amante mergulha na pureza dos olhos da amada "uma criança", neles procurando todos os cantos secretos. A emoção, a ansiedade amorosa procura o brilho dos cabelos e dos olhos da amada, gostaria de amalgamar-se aos prantos de amada para morrer de amor. Assim poderia sentir que a envolvia nos cantos que vem de sua alma, dando-lhe o calor dos sonhos. A delicadeza do poema está já na referên-



cia a "uma criança" - a amada.

"Soneto de amor eterno" p.175 - o amante acha que para exprimir seu amor não precisa de expressões mágicas da modernidade. Prefere a dureza do bronze (resistente), a arte cuidadosa da estrofe, porque estas são as características que melhor conseguem sugerir a eternidade do amor. Para ele o amor que sente, "maior que a vida", terá sempre como aspecto principal o desmedido, o ilimitado. Agora ele prefere crescer seu amor com um lirismo de "risos e lágrimas". Seu amor é "eterno e claro" e é também "triste", mas levando a um pranto que "abrandando os sóis do inferno".

Na poesia de Anderson Braga Horta nota-se aquilo que garante a qualidade excepcional a cada poema. Queremos dizer que cada palavra, por mais comum que seja ou intensamente poética, aparece como exatamente aquela que ali devia estar, como se o poema existisse desde sempre na forma que o vemos hoje, como se não tivesse havido escolha vocabular, mas descoberta da expressão única e verdadeira.

Magaly T. Gonçalves e Zina C. Bellodi são escritoras, críticas literárias e professoras universitárias.

Débora Novaes de Castro

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS
- CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO -
COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...



Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÓFARES - SEMENTES -
CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...



Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL



Opções de compra: Livraria virtual **TodaCultura:** www.todacultura.com.br
via telefax: (11)5031-5463 - E-mail: debora_nc@uol.com.br - Correio:
Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo - SP - Cep 04634-040.

Ressonâncias de Beatriz Amaral e Alberto Marsicano

Maria Cecília de Salles Freire César

Pode ser lugar comum afirmar que a poesia é a linguagem artística que mais se aproxima da música, dada a sua simbiose desde tempos remotos. No entanto, nunca é demais ressaltar que, em alguns poetas, essa relação é ainda mais intensa, como é o caso de Beatriz Helena Ramos Amaral, que gravou com o músico Alberto Marsicano o CD *Ressonâncias*¹, recém-lançado e apresentado em primeira audição na *Hora H - 2010*, homenagem a Haroldo de Campos, realizada na Casa das Rosas — Espaço Haroldo de Campos de Poesia e Literatura — em São Paulo, em sua sétima edição.

O CD apresenta, ao som dos ragas de Marsicano, 26 poemas de Beatriz Amaral todos retirados de suas mais recentes publicações: *Alquimia dos Círculos* (São Paulo: Escrituras, 2003) e *Luas de Júpiter* (Belo Horizonte: Anome Livros, 2007) e mais 2 poemas de Haroldo de Campos — “A poesia explicada em Tenerife 1 e 2” — de *Crisantempo* (São Paulo: Perspectiva, 1998).

Comentando a relação poesia-música, a partir do poema “À Música”, de Rilke, traduzido por Paulo Quintela, J. J. de Moraes (*O que é a Música*. São Paulo: Círculo do Livro, p. 170), afirma: “Essa zona de intersecção de linguagens, na qual se perdem alguns dos contornos precisos de cada código, pode inclusive funcionar como um espaço relativizador, em que ambas as linguagens são como que iluminadas sob prismas novos, insuspeitados”.

Beatriz confirmou essa mútua *iluminação* em depoimento prestado a grupo de estudos da PUC-SP, em 13 de outubro de 2010, afirmando que a tessitura do poema é híbrida, interdisciplinar, e muitos poetas a manifestam (seja entre poesia e música, ou poesia e artes visuais), como Walter Silveira, Augusto de Campos, Tadeu Jungle e Ferreira Gullar, lembrados pela autora nessa ocasião. A essa pequena lista, tantos outros poderiam ser acrescentados, como Clarice Lispector, Manuel Bandeira, Murilo Mendes, Rainer Maria Rilke, Charles Baudelaire...

Na contracapa do CD, Beatriz qualifica seu percurso artístico como: “Música na raiz do poema. Poesia e música. Desde sempre”. Essa relação, *visceral*, por assim dizer, levou-a a cursar a Faculdade de Música (FASM - Faculdade Santa Marcelina, onde se graduou em violão erudito, instrumento cujo aprendizado iniciou na infância) ao mesmo tempo em que cursou Direito, na USP, na década de 80. Ou seja, desde seus primeiros livros, já havia essa *ressonância* entre as duas linguagens que agora se explicita na gravação desse disco. Fui, em muitas ocasiões, testemunha dessa parceria que naturalmente se formou entre ela e Marsicano em 1998, ambos amigos do poeta Haroldo de Campos, homenageado por Beatriz no belo poema “Transignancia para Haroldo de Campos” (publicado no penúltimo livro, *Alquimia dos Círculos*) e incluído na faixa 14 do CD.

Alberto Marsicano, além de exímio sitarista, indicado ao 49º Grammy, em 2007, por gravações da obra de Jimmy Hendrix (*Sitar Hendrix*), é também poeta, tradutor, filósofo e ensaísta. Neste CD, Marsicano acompanha a leitura de Beatriz com *ragas*, música clássica indiana, cujo termo, segundo ele mesmo (*A música clássica da Índia*. São Paulo: Perspectiva, 2006, no capítulo “Raga, Aquilo que colore”, p. 36 a 57.), provém do sânscrito *Ranja*, que significa cor: “Cada raga tem uma coloração específica, como tam-

bém um cenário mítico. Estes relatos mitológicos em que os deuses e os semi-deuses associados aos ragas são minuciosamente descritos em suas vestes, ornamentos e moradas, encontram-se em compêndios milenares como o *Ragasagara* (Oceano de Ragas)”. Ainda seguindo as palavras do mestre: “Cada Raga é um verdadeiro sistema solar de notas rodopiando ao redor do centro tonal, com planetas maiores, menores e satélites (...) O Raga é um ser determinado, um ser que quanto mais conhecemos mais se torna íntimo. (...) A estrutura dos Ragas não apenas incorpora o conceito de consonância como também o de dissonância. Embora os Ragas tenham sequências sonoras ascendentes e descendentes muito precisas, o intérprete tem total liberdade de utilizar notas fora dessas escalas para obter efeitos especiais”.

Nesse livre diálogo entre música e palavra, o ouvinte vai paulatinamente deslocando-se rumo a um outro plano, lá onde os versos entrelaçam-se aos sons e nessa teia todos os sentidos são convocados pela vibração intensa que nos assola (espelhando a própria estrutura sinestésica do raga), obliterando por vezes a cognição, transportando-nos a uma viagem sideral em meio aos signos. De fato, cada frase, palavra, fonema, junto aos sons do *sitar*, entram-nos pelos poros, fazendo o ouvinte fruí-los sobretudo na sua materialidade sígnica, naquilo que, dentro das categorias fenomenológicas do semiotista norte-americano Charles Sanders Peirce, poder-se-ia classificar como **primeiridade**, em que os elementos mínimos da percepção são captados na sua máxima fugacidade-fragilidade, tão tenra que nem podemos exprimi-la em palavras sem cair no risco da racionalização, o que nos afastaria necessariamente desse estado **primeiro**. Nesse caso, então, a audição do CD é muito ampliada, num sentido até terapêutico, lúdico, podendo ser apreciado por muitos ouvintes, aí incluídas crianças e pessoas não necessariamente versadas nas duas linguagens: poesia e música. Claro, também, pode-se escutar a obra pondo-se em ação as duas outras categorias: a **secundidade** e a **terceridade**, dependendo do grau de conhecimento do ouvinte.

Vale lembrar ainda que o raga (de acordo com Marsicano) “consiste na representação sonora do kundalini; daí advém sua força vibracional e seu caráter iniciático. (...) Os Ragas não apenas relacionam-se com as cores, períodos do dia, estações do ano e elementos da natureza como também do corpo humano. A medicina ayurvédica utiliza acordes e escalas sonoras para agir diretamente sobre nosso corpo. (...) Na música clássica indiana, as notas multiplicam-se biologicamente como células e tudo pulsa organicamente. O corpo humano é um grande ressonador e o efeito físico do som apresenta grande influência sobre ele”.

Algumas palavras agora sobre a seleção de textos: os poemas de Haroldo que abrem o disco refletem a reflexão metalinguística que está na base do percurso poético de Beatriz Amaral, levando-a a afirmar na contracapa: “Os poemas ‘A Poesia explicada em Tenerife 1 e 2’, de Haroldo de Campos, encantam-me desde que os conheci, lidos pelo próprio autor. [...] O claro-escuro dos poemas e sua intensa plasticidade desenharam o nascimento da poesia, tema recorrente em meu pensamento. Não hesitei em escolhê-los para abrir este CD”.

De fato, neste disco, assim como nos poemas em geral de Beatriz, é o nascimento da poesia que se celebra, na sua mais plena união à música, como em

“Metalinguagem”, de *Alquimia de Círculos*, 8ª faixa, em que a poeta retoma essa plasticidade em imagens inusitadas que são a marca de sua poética, como: “música de vidro”, “som nas arestas”, “âncora no ventre”, “safira no abismo”.

A escolha dá — e era mesmo de se esperar — ênfase a alguns poemas cujos títulos fazem alusão mais direta a termos musicais, como: “Adágio”, “Arpejo”, “Ária”, “Intervalo”, “Ressonância I e II”, “*Ricercari*”, “Dissonância”, “Ritmo”. No entanto, essa relação não se atém a eles; ao contrário, está na base de todos eles e encontra-se nas reiteradas assonâncias e aliterações (“fricção em/ franjas de tapete/ e as asas da xícara, / fricativas, se opondo” [...]) “xícaras que guardam/ o modo do não-uso/ para o bule, / líquida máscara/ pingo, ponte, ponteio/ salgada pólvora, / a culpa de/ estar pronta te define”, do poema “A Lápis”), ou no flagrante: “(estridência/ do que se não/ pode)” (em “Álgebra”), ambos de *Luas de Júpiter*.

O disco expõe, o tempo todo, inspiradas fulgurações que a música lhe oferece, além dos jogos sintático-semânticos, que se encontram em trechos como:

“eu disse alaúde
e súbito ouvi
todas as cordas
se afinarem
também vi
contra as pedras
um barco narrativo
perdidos remos,
pares, réguas

o choque das pa
lavras explodindo
no ambíguo precipício
sem resposta”

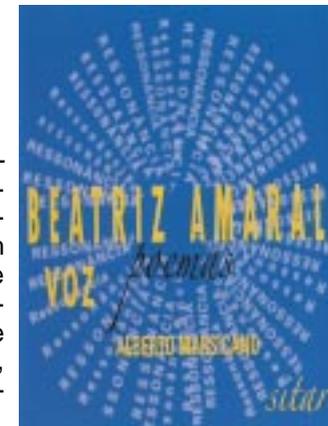
(“*Ricercari*”, de *Luas de Júpiter*, que recebeu o Premio Internazionale di Poesia Francesco de Michelle, da Provincia de Caserta, Itália, em 2006.)

Essa união música-poesia compõe, nas palavras do músico-poeta Marsicano, em seu *Poema-Prefácio* ao livro *Luas de Júpiter*: “melissoantes palavras/ qual volitores, / bólides siderais/ [que] cruzam os turvos e glaucos céus/ anunciando a nova e inaudita poética”.

O CD *Ressonâncias*² é, enfim, lucidez e vertigem: o *todo possível sonoro* (por Beatriz, em *Alquimia dos Círculos*) a que chegam esses dois competentes artistas na exploração mútua de suas habilidades poéticas.

Notas: ¹*Ressonâncias* > Ficha técnica > Voz: **Beatriz Amaral** [<http://www.beatrizhramaral.com.br>] / Sitar: **Alberto Marsicano**; Gravação, edição e mixagem: **MC2 / Cid Campos**; Capa: Arte de **Nina Moraes**. ²Para as faixas “Peixes” e “Tecido”, o videoartista **Grima Grimaldi** criou vídeos que podem ser vistos no Youtube: <http://www.youtube.com/watch?v=9ileLWseMLA&feature=related> - <http://www.youtube.com/watch?v=zLX9OtGSLI8>

Maria Cecília de Salles Freire César é Doutora em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa – USP, autora de *A dança das vozes no evangelho poético de José Saramago e As representações do imaginário popular nos romances de Carlos de Oliveira*.



GAVETAS

Eunice Arruda

o poema
caído
da ventania

- as gavetas escrevem

o poema sem voz
nascido
da dor em demasia

Eunice Arruda é escritora, poeta e Pós-graduada em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP.



Teruko Oda

Quietude no bosque –
Que frio! Parecem dizer
as primeiras flores.

Teruko Oda é escritora, poeta, e fundadora do Grêmio Haicai Ipê.

A janela

Lina Tamega

Para **Fábio Lucas**

A janela encarcera o quintal
e a vida nela se encaixa,
exangue e perfeita,
como água adormecida na argila.
O vento desce a escada
e balança o barco
preso ao cais de capim.
Gotas de asas revoam
no manso curso do rio Pomba
como afluentes do pássaro.

Da janela
- cílios do céu –
veem-se
os peixes mordendo os reflexos dos galhos
a poça de flores nascida
do orvalho semeado na terra
o calafrio do sol a estalar
frouxa claridade na vidraça
e as mãos, consumidas pelo tato do tempo,
a despir a noite de suas sombras.

O que mais se vê
é a metade do mundo
debruçado no peitoril da janela.
Ah! Este mundo que são margens das coisas
espalhadas na rua do Pomba.

Lina Tamega Peixoto é escritora, poeta e editora da revista *Meia-Pataca*.

Indicador Profissional



Genésio Pereira Filho

Advogado

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 300 - cjs. 62/64
São Paulo - SP - 01318-903 - Tel.: (11) 3107-7589

Folias de Eros em tempos de repressão

Ronaldo Cagiano

“A literatura não é um passatempo nem uma evasão”, como disse Ernesto Sabato, mas “uma forma — talvez a mais complexa e profunda — de examinar a condição humana”. Nos 14 contos de *Alguém para amar no fim de semana* ([e] editorial), Luiz Roberto Guedes realiza esse exame através da lente do erotismo.

A pulsão erótica perpassa o corpo de histórias, a exemplo de *Encontros no escuro*, em que um escritor cego é obcecado por seus fantasmas sensuais, ou de *Pessoas inexistentes*, na qual um mendigo redige um ‘diário sexual’ alucinado, narrativa que o escritor Sérgio Sant’Anna qualificou, numa entrevista, de “um conto de primeira grandeza”. Ou ainda no *affaire* portenho de *Tango com a Vênus perneta*, cujo tema, que poderia tropeçar no grotesco, é tratado com delicadeza.

A celebração de Eros é definitivamente mais apaixonada na série de contos protagonizados por um jovem Josué Peregrino (talvez um *alter ego*), em peripécias e ex-

periências que transcorrem nos anos 70 e 80 — com trilha sonora de música popular e o recurso à droga para fins recreacionais. A prosa precisa, afim à mirada de um Nelson Rodrigues ou de um João Antonio, é repassada por um toque comedido de humor.

Segundo o escritor Luiz Ruffato, que assina a apresentação, o livro embute em sua estrutura “uma quase novela fragmentária, de sabor pop, sobre os impasses da juventude nos anos negros da ditadura militar”. Em tempo amputado de utopias, o livro é um repositório mítico de fantasmas, fixações, demônios íntimos, canções, paixões e revoltas. Com seu título al-

tamente irônico, *Alguém para amar no fim de semana* é o espólio afetivo de uma geração. Poeta e escritor, Luiz Roberto Guedes publicou, entre outros, *Calendário lunático* (Ciência do Acidente), *O mamaluco voador* (Travessa dos Editores) e *Meu mestre de história sobrenatural* (Nankin).

[Capa de Vanderley Mendonça sobre foto de Otoniel Santos Pereira]

Ronaldo Cagiano é escritor e crítico literário.



Vestibular & Concursos

Sonia Adal da Costa

Escolha a opção correta:

1. Um milhão de pessoas já chegou ou chegaram?

Resp.: Chegou – chegaram.

O verbo pode ficar no singular ou plural.

2. Fui eu que fiz ou fez o relatório?

Resp.: O correto é fui eu que fiz o relatório.

Quando o sujeito for que, o verbo deve concordar com o antecedente.

3. Deu ou deram dez horas?

Resp.: Deram.
O verbo deverá concordar

com o número de horas, portanto é deram.

4. Estava zero grau ou graus?

Resp.: Grau.

Concorda no singular.

5. Ela respondeu: obrigada ou obrigado?

Resp.: Obrigada.

Concorda com o termo a que se refere.



Sonia Adal da Costa, professora de cursos preparatórios para concursos públicos e vestibular, formada pela Universidade de São Paulo, é pós-graduada em Teatro Infanto-Juvenil pela Universidade de São Paulo.

PROSA DE POETA

REENCONTRO

Djalma Allegro

Quem é que não teve aquele amor pra toda vida? Eterno, infinito? A primeira namorada era pra valer. Jamais iria terminar; um mundo de sonhos, de carinho, onde a respiração faltava e não se conseguia dormir. Pois acabou! Houve choro dos dois lados. Houve saudade. Depois o tempo cicatrizou. Apareceu Cármen. Depois Helena. Depois Valquíria. Depois Ignês, com “g”. Depois Cristina. E aí, casou com Mara F. Fernandes “que não tinha entrado na história”.

Parece que aquelas garotas, aquelas meninas, aquelas mulheres não passaram em vão na nossa vida. Cada uma delas foi amada de um modo, de um jeito especial. Glaura foi a candura. Valquíria, a altivez de seu porte maravilhoso. Cármen transpirava sexo, sonhos reprimidos. Helena, o poema fugaz, o efêmero, a quimera. Cada uma delas deixou um sentimento diverso, um sabor diferente no íntimo de nossas ilusões. Mas, de repente, no meio da vida, reencontramos uma delas. O passado e a ternura, ou a explosão sensual, ou o sonho voltam juntos, imediatamente, à nossa cabeça. As saudades delas são as saudades de nós mesmos. Juntos afloram, no instante, do baú das recordações, dos sabores retidos na alma, que cada uma despertou. Aquele sentimento de perda do passado, pela incompreensão, pela imaturidade, veio numa rajada, numa explosão, quando aconteceu o reencontro de:

INÊS INÊS

Na alameda inesquecida
Inês querida
Inês parada
Inês perdida
Inesperada.

À aproximação, inexpressiva
Inês passiva
Inês amável
Inês incrível
inescrutável
Inês querida
Inês querida:
inexplicável!

Na verdade, a razão estava com Vinícius de Moraes, ao pontificar que o amor seja eterno enquanto dure. De fato, seja o amor o mesmo, igual, a mesma chama, o mesmo deslumbra todo mundo foi assim. Aliás, a vida é assim. Romeu e Julieta só foram o símbolo do amor eterno porque um deles morreu logo em seguida e o outro também. Ou separados violentamente, como Abelardo e Eloísa. Truncados como Páris e Helena, por obra dos deuses. Condenados, como Paulo e Francesca, que o próprio Dante ao conhecer o desfecho dramático de tão belo romance, não aguenta e desmaia; finalizando o tristíssimo *Canto 5º*, da Divina Comédia:

**Enquanto uma alma discorria assim,
a outra chorava tanto que, num ai,
senti como um morrer dentro de mim;**

e caí como corpo morto cai.

(Tradução Augusto de Campos)

Djalma Allegro é escritor, poeta, advogado e diretor da União Brasileira de Escritores.

Notícias de Piracicaba



O 1º Prêmio Escriba de Crônicas, promovido pela Prefeitura Municipal de Piracicaba e Secretaria Municipal de Ação Cultural, realizou a solenidade de premiação no dia 22 de outubro, na Biblioteca Pública Municipal. Os três primeiros colocados foram Ricardo Fagundes Sangiovanni, com *Futbol-Gaudi*, Pauli Virgilio D’Auriao, com *O Galo do Vizinho*, e Aruanã Bento Ramos da Costa, com *O Meu o Mar*. Eles receberam respectivamente R\$ 4.000, R\$ 3.000 e R\$ 2.000. Ivana Maria Fran-

ça de Negri, com *A Magia das Coisas Antigas*, foi agraciada com o prêmio Melhor de Piracicaba. No evento foram lançados o livro *Pequenos Caminhos*, de Maria Cecília Machado Bonachella, e a coletânea dos selecionados.

O Próximo Sarau Literário Piracicabano, coordenado por Ana Marly de Oliveira Jacobino, será realizado no dia 13 de dezembro, terça-feira, das 19h30 às 21h30, na sala 2 do Teatro Municipal Dr. Losso Netto. O convidado local homenageado será o ator, diretor, produtor artístico e cultural Carlos ABC.

O Grupo Oficina Literária de Piracicaba (GOLP) realizará reunião no dia 12 de dezembro, segunda-feira, às 19h30, na Biblioteca Municipal Ricardo Ferraz de Arruda Pinto.

O Grupo Literário da CAF promove o recital de poesia “Retalhos de uma história costurados de poesia”, no dia 26 de novembro, às 15h30, na Casa do Amor Fraternal.

Irineu Volpato lançou o livro *Neu*, com capa esculturada em chocolate pela artista plástica Cecília Vertamatti.

O Centro Literário de Piracicaba completou, no dia 19 de novembro, 20 anos de fundação. As reuniões acontecem no último sábado de cada mês, às 15 horas, na Biblioteca Municipal.

DUAS CARTAS

Caio Porfírio Carneiro

I

Clara,

Pensei muito em lhe escrever. Pensei muito, noites seguidas, em lhe telefonar. Pensei muito em lhe esperar no ponto do ônibus. Pensei muito em ir esperá-la na saída do trabalho. Pensei, pensei, pensei, e, pensando bem, resolvi escrever. Não sei se foi o pensamento mais correto.

Pensei, pensei, pensei muito em você. Isto diz tudo, penso eu.

Pedro

II

Pedro,

Você pensa demais. Eu não penso nada.

Clara

Caio Porfírio Carneiro é escritor, contista, romancista, crítico literário e membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

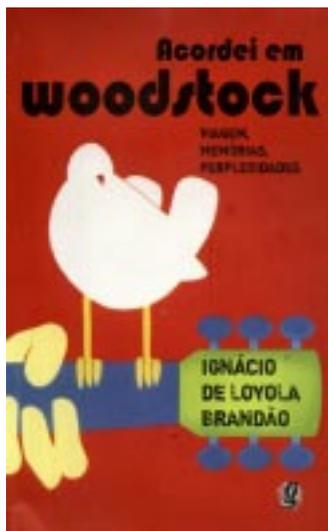
Lançamentos & Livros

Entressonhos, trovas de Lóla Prata, ABR Editora, Bragança Paulista (SP), 71 páginas.

A autora é escritora, poeta, contista, cronista e idealizadora da ASES - Associação de Escritores de Bragança Paulista.

Segundo Carolina Ramos, na apresentação da obra, "Entressonhos é o quinto livro de trovas de Lóla Prata. Título bastante sugestivo. Insinua um singelo e poético interlúdio entre o etéreo e o concreto.

Lola Prata: www.lolaprata.com.br



Acordei em Woodstock - viagem, memórias, perplexidades, de Ignácio de Loyola Brandão, Editora Global, São Paulo, 288 páginas. Ao longo das duas semanas de excursão, o escritor viajou também na memória, na mistura de fantasia e imaginação, em reflexões íntimas, numa experiência existencial rica e complexa que lhe permitiu, mais de uma década depois, compor não exatamente um romance, nem propriamente um livro de viagem, também não apenas o registro de memórias, mas tudo isso junto. Ao acordar em Woodstock, Ignácio de Loyola Brandão produziu simplesmente literatura de alta qualidade.

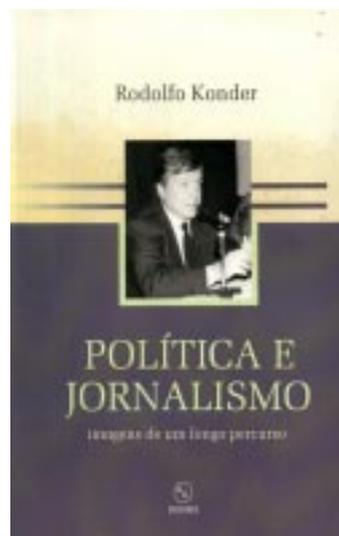
Global Editora: www.globaleditora.com.br

Política e Jornalismo - imagens de um longo percurso, de Rodolfo Konder, RG Editores, São Paulo, 72 páginas.

O autor é jornalista, diretor da Associação Brasileira de Imprensa em São Paulo e membro do Conselho Municipal de Educação.

A obra reúne fotos históricas que marcam a trajetória do autor com escritores e personalidades políticas. Inclui dois textos: *Brizola em Nova York* - sobre sua passagem com Brizola nos EUA - e o outro é sobre seu encontro com João Goulart no exílio.

RG Editores: www.rgeditores.com.br



A LÍBIA EM 1389 OU 1980

Jorge Tufic

Moammar El Kadhafi – LE LIVRE VERT

Neste livro, espécie de calendário alusivo ao ano de 1980, Kadhafi proclama:

O Povo Árabe recupera seus direitos pela revolução.

O nome oficial da Líbia será República Líbia Popular Socialista.

O Corão é a lei da sociedade na República Árabe Líbia Popular Socialista.

O poder popular direto é a base do regime político na República Árabe Líbia Popular Socialista.

Havia um Conselho para decidir os atos do governo. Baseado, como se vê, na palavra maior do Profeta. O sagrado e o profano nas instituições oficiais, e a palavra final sob as ordens ditatoriais do jovem Coronel que acabava de ascender ao "trono" da Líbia.

Como conciliar o céu e a terra nas mãos ainda tintas de sangue dos insurretos contra o terror que acabava de tombar pelas armas do povo?

É a hora da mudança, mas também da reflexão.

Jorge Tufic é escritor, poeta, jornalista e membro da Academia Amazonense de Letras.

Concursos

Prêmio Literário Aldónio Gomes, promovido pelo Departamento de Línguas e Culturas e pela Reitoria da Universidade de Aveiro através do seu Departamento de Línguas e Culturas, destinado a obras inéditas, categorias romance, novela, conto, poesia, teatro ou ensaio, está com inscrições até o dia 31 de janeiro de 2012. **Premiação:** Edição da obra com a doação de 20% de exemplares ao autor, não havendo lugar ao pagamento de direitos de autor, cuja tiragem, até 500 exemplares, é da responsabilidade das entidades proponentes. É obrigatório o uso de pseudônimo. **Informações:** Diretor do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro - Campus Universitário de Santiago - Universidade de Aveiro - 3810-193 – AVEIRO – Portugal. Tel.: 00351 234370358 - e-mail: dlc.direccao@ua.pt . **Regulamento:** www.ua.pt/dlc

Prêmio Literário Livraria Asabeça, promovido pela Livraria Asabeça com o apoio da Scortecci Editora, destinado a livros inéditos de poesias, está com as inscrições abertas até o dia 31 de dezembro. O concurso será dividido em cinco prêmios regionais: norte, nordeste, sul, sudeste e centro-oeste. **Premiação:** O vencedor de cada região terá um contrato de edição e publicação de sua obra com a Scortecci Editora. É obrigatório o uso de pseudônimo. **Informações:** asabeça2011@concursosliterarios.com.br – Tel.: (11) 3032.1179. **Regulamento:** www.concursosliterarios.com.br

Profa. Sonia Adal da Costa

Revisão - Aulas Particulares - Digitação

Tel.: (11) 2796-5716 - portsonia@ig.com.br

LINGUAGEM VIVA

www.linguagemviva.com.br

Consulte nossa tabela de preços

Linguagemviva@linguagemviva.com.br

Tel.: (11) 2693-0392 - 7358-6255

Notícias



Joaquim Maria Botelho, a prefeita Dárcy Vera e Galeno Amorim.

O Congresso Brasileiro de Escritores, promovido pela União Brasileira de Escritores, de 12 a 15 de novembro, no COC de Ribeirão Preto, foi encerrado, no Theatro Pedro II, com a solenidade de entrega do *Prêmio Intelectual do Ano - Troféu Juca Pato* - ao professor Aziz Ab'Sáber.

Joaquim Maria Botelho, presidente da União Brasileira de Escritores, na solenidade de abertura do Congresso Brasileiro de Escritores, no dia 12 de novembro, cobrou do governo federal mudanças conceituais na administração das leis de incentivos para a área cultural. A proposta foi feita diretamente ao presidente da Fundação Biblioteca Nacional, Galeno Amorim, que representava a ministra da Cultura Anna de Hollanda.

Galeno Amorim, presidente da Fundação Biblioteca Nacional, presidirá o conselho geral do Centro Regional de Fomento ao Livro na América Latina e no Caribe. O Cerlalc, órgão internacional vinculado à Unesco, é voltado para o apoio às políticas públicas do livro e leitura.

Ana de Hollanda, Ministra da Cultura, e Galeno Amorim, presidente da Fundação Biblioteca Nacional, assinaram convênio com a Biblioteca Nacional da Argentina no dia 15 de novembro. Na ocasião, a FBN entregou cópias digitalizadas de documentos históricos como os manuscritos e os planos sobre a fundação de Buenos Aires.

Biblioteca Nacional Digital, <http://bndigital.bn.br>, realiza pesquisa para atender as necessidades dos visitantes que navegam pelo site.

O Cadastro Nacional de Bibliotecas Públicas da Fundação Biblioteca Nacional já catalogou mais de duas mil instituições com o objetivo de mapear o setor e direcionar as políticas públicas para a área.

Antônio Candido será o patrono da Flipoços 2012 (de 28 de abril a 6 de maio de 2012, na Urca), que terá como temática a Semana de Arte Moderna de 1922. www.feiradolivropocosdecaldas.com.br.

O Instituto Moreira Salles lançou a idéia de promover o Dia D. O primeiro evento aconteceu no dia 31 de outubro em comemoração ao Dia Drummond. O evento, com a curadoria de Eucanaã Ferraz e Flávio Moura, contou com a leitura de poemas de Carlos Drummond de Andrade em onze línguas.

A Feira do Livro de Guadalajara, que acontecerá de 26 novembro a 4 dezembro, terá a Alemanha como convidada de honra.

Raymundo Farias de Oliveira lançou *Valsa do Adeus*, pela RG Editores, no dia 26 de outubro, na Associação dos Procuradores do Estado de São Paulo.

A Companhia Paulista de Trens Metropolitanos distribuiu livros nas estações Luz, Brás, Palmeiras-Barra Funda, Tatuapé e Paineiros e instalações administrativas. A iniciativa faz parte do projeto *Livro Livre*.

A Cerimônia de entrega do Prêmio Jabuti, promovido pela Câmara Brasileira do Livro, será realizado no dia 30 de novembro, às 19 horas, na Sala São Paulo.

A Casa das Rosas, em comemoração aos seus 20 anos, realizou no dia 20 de outubro um evento, que também celebrou o Dia da Consciência Negra.

Antonio Miranda disponibiliza a seção POESIA EM LIVROS DE ARTE, EDIÇÕES ESPECIAIS E ALTERNATIVAS, no site www.antonimiranda.com.br, com o objetivo de divulgar o acervo de poesia brasileira (poemas e estudos críticos) de edições menos convencionais. Os interessados em ceder ou negociar exemplares, deverão entrar em contato com o Portal de Poesia Iberoamericana: Caixa Postal 4548 - UNB - 70904-970 - BRASILIA - DF. E-mail: poesiaiberoamerica@hotmail.com

O Dicionário de Luís de Camões, de Vitor Aguiar e Silva, foi lançado pela LeYa Brasil.

Rosário Bernardo dos Santos lançou *Poeira de estrelas e sonhos*. bs@bernardosantos.com.br

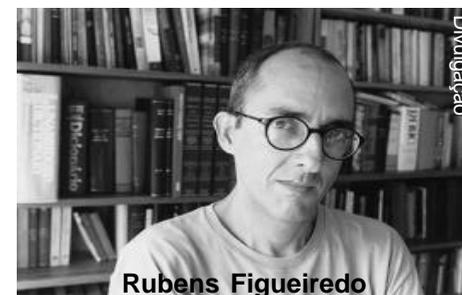
O Prêmio Vivaleitura divulgou os vencedores da edição 2011. A Biblioteca do Arsenal da Esperança, de São Paulo, iniciativa de Lourival Lopes Cancela, foi classificada na categoria "Sociedade: ONG's, pessoas físicas, empresas, universidades/faculdades e instituições sociais", o projeto Biblioteca Itinerante nas Comunidades Pomeranas de Santa Maria de Jetibá, no Espírito Santo, foi laureado na categoria "Bibliotecas públicas, privadas e comunitárias", e A volta ao mundo em mil e uma histórias, de Vitória, foi classificado na categoria "Escolas Públicas e Privadas".

O Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação lançou edital, do Programa Nacional do Livro Didático para 2014, para a aquisição de livros didáticos destinados a alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental. É a primeira vez que DVD-Roms poderão ser inscritos e serão incluídos no portal do Ministério da Educação e Cultura.

Ignácio de Loyola Brandão lançou *Acordei em Woodstock*, pela Global Editora, obra que reúne anotações e memórias da viagem que fez aos Estados Unidos, em 2000.

Uma Verde História, de Joaquim Branco e Fernando Abritta, foi lançado pelo Grupo Unifs/Fic - Faculdades Integradas de Cataguazes. O livro conta a história da *Revista Verde*, narrada para crianças e adolescentes.

Andreia Donadon Leal lançou *Essências: sonhos e frutos e luzes*, pela Academia de Letras do Brasil de Mariana, Aldrava Letras e Artes e InBrasCI-MG.



Rubens Figueiredo, com o romance *Passageiro do fim do dia*, foi agraciado em primeiro lugar com o Prêmio Portugal Telecom de Literatura. Gonçalo M. Tavares, com *Uma viagem à Índia*, foi laureado em segundo lugar, e Marina Colasanti, com *Minha guerra alheia*, em terceiro lugar.

Henriette Effenberg lançou *80 anos de acordes em harmonia - Sociedade Sinfônica Amadores da Arte Musical*, em homenagem à segunda orquestra mais antiga do Brasil. Toda a renda do livro será revertida à Casa de Cultura Maestro Demétrio Kipman de Bragança Paulista. O livro foi patrocinado pela Lei Municipal de Incentivo à Cultura, com o apoio cultural do Banco do Brasil - Auto R- Concessionária Renault e Gráfica Barletta.

Andrea del Fuego, com a obra *Os malaquias*, foi laureada com o Prêmio José Saramago. Ela receberá a importância de 25 mil euros.

Eduardo Monteiro da Silva lançou *INVERSOS EMVERSOS*, pela Carthago Editora.

Lumens - em prosa e verso, coletânea organizada pela Academia de Letras do Brasil de Mariana, Aldrava Letras e Artes e InBrasCI-MG, será lançado no dia 10 de dezembro, às 16 horas, no Auditório do ICHS/UFOP, em Mariana, MG.

Antonio Ventura lançou *O catador de palavras*, obra que abriga a produção poética do autor, pela Editora Topbooks.

LIVRARIA BRANDÃO

Compram-se bibliotecas e lotes de livros usados.

Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

Telefax: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - Fax: (Todos)
Ramal 23 - São Paulo: Rua Cel. Xavier de Toledo, 234 - s/l
oldbook@terra.com.br - www.brandaojr.estantevirtual.com.br